

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIAS E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE(S)

Bruno Marcelo de Souza Costa ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre formação da identidade cultural, memória e espaço numa dimensão escolar, a partir da percepção de autores como Halbwachs (2003), Nora (2013), Hall (2003) e Oliveira (2006) todos estes estudiosos procuraram trazer para o centro dos debates científicos e acadêmicos a necessidade de questionar e repensar esses conceitos. No artigo aborda-se, a escola como espaço físico e social de memórias, a reverberação dessas memórias na prática docente e a importância da instituição “Escola” na formação da identidade cultural dos alunos. O estudo por se tratar de parte de uma pesquisa maior tem a metodologia estritamente bibliográfica sem dados empíricos
PALAVRAS-CHAVE: Memória e Espaço, Identidade Cultural, Escola.

ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between the formation of cultural identity, memory and space in a school size, from the perception of authors such as Halbwachs (2003), Nora (2013), Hall (2003) and Oliveira (2006) all these scholars sought to bring to the center of scientific and academic debates the need to question and think about these concepts. The article tackles the school as physical and social space of memories, the reverberation of those memories in the teaching practice and the importance of the institution “School” in the formation of cultural identity of students. The study because it is part of a larger research has strictly methodology literature without empirical data.

1 - Professor Formador I do Parfor (Unifap-Amapá), Professor Efetivo das Redes Estadual e Municipal de Ensino do Estado do Amapá, Especialista em Arte Educação e em História das Culturas Afro-brasileira e Indígena e Mestre pelo PPGArtes (UFPA). Email: bscosta82@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Ao se pesquisar sobre memória e identidade cultural, na perspectiva ou no diálogo com a escola como espaço de memórias e de formação de identidade cultural, é necessário em primeiro lugar uma discussão previa sobre conceitos de memória e de identidade cultural para que possamos entender como se dá esse processo dentro da instituição “Escola”.

Diante desse pressuposto, trazemos à tona Halbwachs (2003) com sua discussão sobre memória individual e coletiva, assim como a relação dessa memória com outras situações presentes no nosso cotidiano, como é o caso do imbricamento com espaço e tempo. Para Halbwachs (2003, p. 160):

A memória (...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, ‘coletiva’. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Dessa forma cabe dizer que não existe memória coletiva sem antes existir a memória individual, pois a memória coletiva se estabelece ou se instaura a partir das memórias individuais, para Halbwachs (2003, p. 69) isso ocorre quando:

Se a memória coletiva tira força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

Trabalhamos também com o conceito de identidade extensamente discutido na teoria social, onde Hall (2006) em essência nos diz que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que esta deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Sem dúvida nenhuma, ao se discutir memória e identidade cultural, os espaços e tempos onde esses elementos se circunscrevem à primeira ideia que se tem é a transmissão de conhecimentos e valores de uma geração para outra, de uma instituição para outra, de um país para outro, ou seja, subsiste sempre a ideia de algo que já foi estabelecido em um passado, que pode ser um passado próximo ou um passado distante.

Porém, não basta que os agrupamentos humanos hoje simplesmente herdem do passado todas esses saberes e conhecimentos, é preciso que continue a aprofundar certas

práticas e isso vale com igual repercussão para a escola e aqueles profissionais que a movimentam. Se a memória coletiva e a identidade cultural estão em contínuo movimento, elas não podem ser algo estabelecido para sempre, imutável.

Este artigo trata justamente disso, da necessidade de imprimir um olhar mais amplo e profundo sobre as memórias presentes no espaço escolar, sejam elas individuais ou coletivas, com a intenção de problematizar como essas memórias escolares ficam imersas nos professores e alunos, e como elas são reproduzidas e ressignificadas ao longo de cada trajetória escolar. O artigo trata ainda de como a instituição “escola” influencia ou forma identidade(s) culturais, problematizando teoricamente os aspectos positivos e negativos desse processo de formação do aluno, tendo em vista a dicotomia entre o global e o local.

Ressaltamos que este artigo tem um caráter apenas bibliográfico e teórico, não possuindo ainda uma pesquisa de campo com dados sistematizados, ela se funda em leituras/discussões realizadas na disciplina Patrimônio, Memória e Identidade ministrada pelo Prof. Dr^o Agenor Sarraf e interrogações levantadas durante o caminho de pesquisa de minha dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

Para a discussão evocam-se teorias de autores como Halbwachs (2003), Nora (2013), Hall (2003) e Oliveira (2006) todos estes estudiosos procuraram trazer para o centro dos debates acadêmicos a necessidade de se questionar e repensar esses conceitos, numa perspectiva epistemológica e histórica, além é claro do diálogo com a educação tendo em vista tratar-se da instituição “Escola” como território físico e social na construção ou desconstrução de memórias e identidades.

A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E ESPAÇO

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito ocidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas

casas, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente – mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele. (HALBWACHS, p. 163, 2003)

Dessa forma podemos dizer que o espaço físico e social da Escola é uma ambiente privilegiado de memórias e de extrema relação afetiva e íntima com aqueles que habitaram-na ou habitam, a Escola é um espaço onde as lembranças permanecem, os alunos e professores estão enraizados e unidos por essas lembranças ou por essas reminiscências. As paredes, os objetos, cada canto desse espaço evoca histórias e situações diferentes cheias de detalhes e sentimentos que só podem ter relação e importância quando aqueles que ali passaram se unem ou se comunicam.

Os estudos mais recentes sobre a memória coletiva especificam que este elemento, como parte constitutiva do ser humano possui relação intrínseca com o espaço que circunda os indivíduos. Confirmando esse pressuposto Halbwachs (2003, p. 159) informa:

[...] O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro as figuras que bem entendemos? Não. Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só

é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável [...]

Compreende-se que a ocupação de determinado espaço, em determinado tempo deixa marcas indeléveis que se fixam na memória coletiva de um povo. A partir disso, Halbwachs tece um interessante comparativo com a escrita registrada num quadro-negro. Tudo aquilo que é transcrito nesse quadro, pode ser apagado, porém as marcas relacionadas à identidade do conteúdo ou da escrita ali exposta passa a compor a memória coletiva permanecendo de geração em geral. Podemos dizer então que o espaço onde a memória coletiva está registrada constitui o pano de fundo que agrega valor a tudo aquilo que se denomina de identidade cultural, que é um aspecto fundante da memória coletiva.

Pode-se entender então que a memória, onde cresce a história de cada grupo confirma e revitaliza a identidade cultural de um povo, que por sua vez a alimenta, procurando salvar o passado para servir o presente e o futuro. Neste sentido, na constante tentativa de se preservar a memória de um grupo através de eventos que busquem reviver o passado, passam a ser repletos de valor simbólico ou cultural, e por isso devem ser preservados.

Sobre esta relação entre passado e presente ou entre espaço e memória coletiva pode-se afirmar que está união se transforma segundo a dinâmica da realidade de cada tempo, e indica que a memória coletiva passa a constituir um elemento a mais na construção ou restauração do sentido de identidade cultural, reconhecendo-se o espaço como o lugar onde se expressam e se desenvolvem as identidades e memórias coletivas.

Ao se pensar na memória coletiva, consideram-se fundamentais os movimentos sociais de manutenção de heranças espaciais, onde todos os agrupamentos humanos se unem em busca de um só objetivo, buscando evocar o passado, para assim

poder oferecê-lo aos que vivem hoje. Para que isso ocorra, “a memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas como prática viva e dinâmica” (NORA, 2001, p. 3).

Segundo Halbwachs (2003, apud OLIVEIRA, 2006, p.133) a memória coletiva se estrutura internamente como uma partitura musical, ou seja, é vivida através de um sistema estruturado, onde os fatores sociais ocupam determinadas posições e desempenham papéis pré-designados. Assim, não existe memória coletiva sem a participação do povo, dos agrupamentos sociais que a tornam sólida e resistente às tentativas de apagá-las.

A partir dessa concepção compreende-se que a memória de determinada população atua como uma operação ideológica, acarretando o desenvolvimento de um processo psicossocial de representação de si próprio e que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas e das coisas.

Percebe-se que a memória e a identidade cultural são elementos que fazem parte do sentimento de identidade individual e coletiva, na medida em que “ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si” (HALBWACHS, 2003, p. 163).

Sobre isso, Hall (2003) acrescenta ainda que manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum seriam as duas funções essenciais da memória coletiva, preservando a identidade cultural de um povo.

De acordo com essa concepção, faz sentido então afirmar que a memória coletiva vivida através da expressão das identidades culturais, é um elemento essencial para que um povo se mantenha forte e atuante, não permitindo que suas expressões artísticas, históricas e culturais desapareçam.

Assim, como a individualidade de uma pessoa ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade

de cultural de uma comunidade pode ser definida por suas reminiscências memoriais, enquanto conjunto de bens culturais associados à cultura coletiva. “Estes bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado, presente e futuro” (HALBWACHS, 2003, p. 168).

A partir dessas concepções mencionadas nesse tópico afirmamos que a Escola é um espaço de memória, onde essas memórias se perpetuam e se dinamizam tendo em vista a grande rotatividade de pessoas e lembranças que ali são estabelecidas e deixadas por aqueles que um dia fizeram parte desse grupo social. Nesse sentido é importante ainda dizer que a Escola é capaz de evocar o passado vivido e de rememorar “velhas histórias” vistas de pontos de vistas diferentes, mas com pontos in-comuns que seriam as nossas memórias coletivas.

A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO FORMADORA DA IDENTIDADE CULTURAL DOS ALUNOS

Num tempo veloz e fugaz, em que a alienação, o isolamento e o silenciamento das experiências, nos forçam a perder nossa memória coletiva, rememorar e compartilhar memórias é uma ação rebelde que adquire um caráter de resistência política: a memória compartilhada é uma forma de não sucumbir ao esquecimento que o tempo acelerado da vida social nos impõe. Para Santos (2008):

Resgatar, memórias e narrativas no cotidiano da escola, afirmando-a como lugar de pertencimento, é reatualizar oportunidades preexistentes e desenvolver possibilidades latentes de recriar, através da prática educativa, a história local a partir do lugar: realidade social experimentada diretamente e oportunidade de realização de uma história diferente.

É nesta perspectiva que vejo a Escola como um centro recriador da memória e da cultura local: como parte do desafio contemporâneo de projetar a escola como um locus de preservação e socialização de marcas culturais e a prática educativa, como um espaço plural de memória e

narração. Pensar a escola como um centro recriador da memória, da história e da cultura local, significa dar consequência a uma prática educativa que, ao procurar articular saberes vividos e praticados com o conhecimento escolar, com a memória e com a história local, busca reinventar a escola como um espaço de sociabilidade e de práticas culturais diversas.

Tendo como princípio que o ato educativo é um ato político acreditamos que a tarefa da educação é desenvolver e consolidar novas práticas de convivência e solidariedade, capazes de enfrentar o desafio de recuperar a diferença como relação de alteridade: relação efetivamente construída, que tem na solidariedade o fundamento para a construção de uma postura educativa que não vê o outro, a outra cultura como deficiência ou como mera diferença, mas o reconhece como legítimo o outro. O que implica pensar a sala de aula e a Escola, como espaço plural que congrega diferentes sujeitos e diferentes culturas, que traduzem diferentes formas de organizar o real e responder aos desafios da vida cotidiana.

Isso remete a concepção de que com o aumento e aprofundamento gradativo dos conhecimentos disponibilizados na sociedade marcada pela proliferação de informações, a cultura de cada um e da coletividade deve assumir lugar de destaque. Daí surge a necessidade de garantir que se transmita aos alunos um saber sistematizado e imerso num mundo onde a identidade cultural de muitos grupos tem sofrido certo descaso nos conhecimentos acumulados e sistematicamente organizados, da visão de mundo que cada sociedade construiu.

De acordo com Oliveira (2006) é necessário entender que as circunstâncias sociais, econômicas, culturais e políticas que norteiam as decisões escolares interferem na vida dos alunos e influenciam igualmente na vida dos espaços de convivência da memória coletiva. Por isso, deve-se ter consciência de que não se pode modificar direta e imediatamente essa circunstância, mas deve-se estar preparado para, uma ação conjunta, enfrentar e superar os problemas, buscando sempre soluções, pois a Escola não está isolada, ela é parte cons-

titutiva e formadora da identidade cultural dos alunos. É uma instituição social que depende de recursos humanos, materiais e financeiros, que por sua vez estão sujeitos as decisões políticas e administrativas.

Outra competência da Escola é o desenvolvimento da identidade cultural do indivíduo num clima onde se destaca a memória coletiva e a formação identitária no que se refere às relações estabelecidas no contexto do ensino e aprendizagem de maneira dialógica, propiciando a confiança e as trocas culturais. Assim, na perspectiva de tornar indivíduos críticos, capazes de construir e reconstruir conhecimentos busca-se sensibilizar educadores para uma constante reflexão e tomada de atitude frente a determinados comportamentos do aluno no seu dia-a-dia em relação a sua cultura.

Outro aspecto que precisa ser levado em consideração é o fato de que a Escola, para formar a identidade cultural dos alunos não pode trabalhar isoladamente, pois não terá competência para exercer suas funções básicas, como por exemplo, o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sociais, políticos e identitários, enfim, proporcionar ao aluno uma formação de qualidade. Nesse sentido, Nora (2010) diz que um dos principais entraves que impossibilitam a consecução de um ensino de qualidade, configura-se pela inexistência de um trabalho voltado para a valorização da memória coletiva e a identidade cultural, dificultando a preparação de grande parte dos alunos para atuar criticamente frente às mazelas da sociedade.

Oliveira (2006) acrescenta também que não existe dúvida de que o ambiente escolar precisa auxiliar o aluno para que este não se sinta excluído culturalmente, mas incluído no grupo escolar, privilegiando determinadas culturas em detrimento de outras que ao longo do tempo foram estigmatizadas como “menores” ou primitivas.

REMINISCÊNCIAS DA MEMÓRIA DO PROFESSOR NA RESSIGNIFICAÇÃO DO “TEMPO” EM QUE ERA ALUNO: Repercussões na prática docente

O professor na escola e, conseqüentemente na sua prática docente, tem sido levado

a considerar a memória como parte integrante da ressignificação da época em que estavam na condição de alunos. Tudo o que professores e professoras aprenderam com o grupo em que conviveram e convivem, as técnicas, as regras sociais, as formas de expressão, tudo isso acaba fazendo parte de seu universo cultural e reverbera na sua prática docente.

Nesse contexto apostamos que as memórias, lembranças e reminiscências dos alunos que hoje são professores influenciam diretamente na sua prática docente, tendo em vista que muitos professores, apesar de já ter tido uma formação pedagógica diferenciada, reproduzem fazeres e dizeres pedagógicos e culturais dos seus professores do “tempo” em que eram alunos.

E é exatamente a respeito deste conceito de memória coletiva e identidade cultural que nos vale a pena ressaltar a importância da prática docente, “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (OLIVEIRA 2006, p. 56)

Exatamente por ser construída é que a memória do professor é tão variada, pois recebe influências e legados de vários grupos de alunos juntando-se com as lembranças do tempo de que eram alunos, portanto esta sujeita a ser transformada, modificada pelos próprios integrantes do grupo, por meio de contato e convivência com outras lembranças. Assim, a memória é algo intercambiável, os professores têm suas memórias, mas podem compreender as culturas e memórias alheias, para que então ocorra uma assimilação das heranças e experiências do outro.

Quando se discute a memória cultural, a referência direta é o conjunto das criações e experiências, as formas como os professores se organizam e se expressam os significados e valores que atribuem a sua prática pedagógica, aos diferentes modos de trabalhar, ao jeito de falar e de se comportar diante dos desafios impostos por um mundo em constante transformação.

Halbwachs (2003), por exemplo, destaca

a importância da desconstrução da identidade cultural e da memória para posteriormente reconstruí-las em bases mais realistas. Contudo, essa reconstrução não deve se dar apenas pelo prisma histórico, mas sim pelo trabalho de pesquisa e da perspectiva de autores diferenciados.

Já Oliveira (2006) diz que a proposta de desconstrução do conceito de memória e identidade cultural passa pela necessidade de desfazer as operações científicas e políticas que levaram à cena o popular: as manifestações populares e as indústrias culturais. Em um mundo globalizado em que todas as atividades docentes se integram cada vez mais, a hegemonia de uma cultura educacional que tende a descartar as outras, em função dos avanços tecnológicos, é vista como uma ameaça real.

Portanto podemos dizer que as memórias dos professores são ressignificadas a todo instante, por isso os professores muitas vezes reproduzem de forma diferenciada alguns comportamentos da época em que eram alunos, trazendo à tona sentimentos que vivenciaram e situações desconfortáveis de sua trajetória educacional, como por exemplo: exclusões, momentos de tristeza e etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de esgotar a discussão procurou-se nesse texto problematizar a instituição “Escola” como espaço de memória a partir dos conceitos trazidos por Maurice Halbwachs em seu livro *A Memória Coletiva* de 2003, nesse sentido apostamos que a escola é um espaço físico e social que exprime memórias e está repleto de reminiscências da história de vida de cada aluno e professor que ali passaram, essas histórias subterrâneas ou não, estão ali nas paredes, nas carteiras em cada canto da escola, que passa a ser o elo de ligação e evocação dessas lembranças.

Outro ponto discutido no texto que merece ser retomado é sobre a função da escola na formação de identidade cultural dos alunos, ou melhor, dizendo Identidade(s), tendo em vista que a escola forma e lida com várias identidades diariamente devido a grande diversidade do próprio ser humano, nesse sentido a escola muitas vezes

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NORA, Pierre. *Entre História e Memória: A problemática dos lugares*. In: *Projeto história 10, PUC-SP, 1993*, pp. 7-28. Disponível em www.pucsp.br. Acesso em 18.02.2013

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da Identidade: Ensaios sobre Etnicidade e Multiculturalismo*. São Paulo: Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 09-57.

SANTOS, Maria Roseli. *Saberes Culturais, Memória e Identidade Social em Tempos de Modernidade*. 2008

não consegue abarcar tudo isso e reproduz um política educacional excludente e homogeneizante, privilegiando as culturas hegemônicas em detrimento de outras culturas tidas como “ menos evoluídas”.

Com a finalidade de mergulhar um pouco mais nesse assunto, temos a pretensão de realizar uma pesquisa de campo que investigue como essas memórias, principalmente dos professores, ainda estão presentes e se reproduzem na sua pratica docente de forma clara e ressignificada, e ainda problematizar a discussão sobre como a escola influencia na formação da identidade cultural dos alunos, abordando os aspectos positivos e negativos.

À luz dessas questões, torna-se indispensável a problematização do conceito memória coletiva de modo a considerá-la uma elaboração efetivada em grupo, em transformação constante responsável pelas mudanças das sociedades e dos indivíduos. É esta perspectiva de identidade cultural e de memória na diversidade que está implícita a um multiculturalismo crítico que vise mudanças culturais e sociais, que dê lugar à expressão das culturas minoritárias e que, finalmente, promova a igualdade de oportunidades entre os indivíduos.